V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

O ENSINO DE CIÊNCIA NUMA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO FOCADA NO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

THE TEACHING OF SCIENCE IN A PERSPECTIVE OF FOCUSED INCLUSION IN THE STUDENT WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

Apresentação: Relato de Experiência

Patrícia Hander de Lucena Neri¹; Ayrton Matheus da Silva Nascimento²; Jaqueline Costa da Silva Lima³; José Roniero Diodato⁴; Islane Cristina Martins⁵

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00292>

Introdução

O aluno autista em suas particularidades tem dificuldade de focar sua atenção em práticas pedagógicas tradicionais direcionadas comumente a crianças com TEA. Assim, durante o processo de formação desse aluno e refletindo sobre essa realidade, surgiram os seguintes questionamentos: Que práticas pedagógicas são utilizadas pelo professor no cotidiano da sala de aula do ensino regular frente ao processo de inclusão do aluno autista? De que modo ocorre a oferta do atendimento educacional especializado visando a efetivação da inclusão escolar do aluno com autismo? Quais as consequências das práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem do aluno autista e, conseqüentemente, em sua inclusão escolar?

Contudo, o aluno autista encontra dificuldades em seu desenvolvimento, mas tem um grande potencial. Potencial esse que precisa ser estimulado e trabalho dentro de suas possibilidades em sala de aula. A metodologia utilizada possibilitou a interação, comunicação e comportamento do aluno com TEA.

Relato de Experiência

Na formação profissional como educador de ensino regular, é possível desenvolver,

¹ Pedagogia, FCE, patylucena80@hotmail.com

² Especialista em Ensino de Química, UCAM PROMINAS, Ayrton.matheus@gmail.com

³ Letras Libras, Uniasselvi, jackeline.libras@gmail.com

⁴ Letras Libras, UFPE, joseeroniero@gmail.com

⁵ Doutoranda em Neurociências, POSNEURO/UFPE, islanemartins@gmail.com

aprender e habilitar o ser educador, embasado nas práticas pedagógicas dos alunos em sala de aula. Um fato que chama muito atenção, foi observar a desenvoltura dos alunos no ensino regular e a desenvoltura de um aluno com Transtorno Espectro Autista (TEA).

Para qualquer professor do ensino fundamental, a experiência de trabalhar com alunos do TEA é complexa, principalmente quando se tem a vivência no dia a dia, o que impulsiona o desejo de fazer com que a aprendizagem se torne possível e muito mais significativa.

A partir das discussões pontuadas, e pensando na condição do aluno com TEA, que deve ser incluído no ensino regular, sem qualquer discriminação e gozar de todas as oportunidades que esse ambiente deve ofertar, começa-se a observar e refletir sobre o comportamento que o aluno externava, mediante as práticas pedagógicas inseridas no ensino. Nesse aspecto, Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 237) diz: “atualmente não se cura o autismo, embora possa haver uma melhora muito significativa, graças, sobretudo, ao trabalho paciente da educação”. Neste momento o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pode representar uma alternativa para o desenvolvimento e na verificação de aprendizagem desse aluno, de forma efetiva e diferenciada. Muitas das vezes a criança com TEA tem certa rejeição às atividades escritas, de maneira que o uso das TIC pode tomar o papel de método atrativo e eficiente no processo de ensino-aprendizagem.

A proposta de inclusão no Brasil é recente e para garantir não só o acesso, mas a permanência, bem como o progresso dos estudantes na escola, considerando o planejamento, o currículo e todo o processamento vinculado à escolarização especializada, se faz necessário modificar, na realidade da escola, para que os professores possam trabalhar e saber lidar no dia a dia com as diferenças observadas entre os estudantes e também aqueles com TEA (BRASIL, 2015).

O desenvolvimento de uma criança que é portadora do TEA não é uma tarefa simples, pois existe uma grande dificuldade de inclusão social, bem como alterações de comunicação, linguagem, falta de flexibilidade mental e comportamental que essas crianças apresentam (FERNANDES; AMATO, 2013; CARVALHO, 2014).

Observou-se que quando o ensino se dá de maneira escrita e apenas verbal, o aluno com TEA, apresenta dificuldades em acompanhar e manter sua atenção como os outros colegas de sala, mesmo com a presença da monitora ao lado, o aluno não se interessa de fazer as atividades propostas ou participar.

Tendo como base o *déficit* de atenção, foi proposto em determinado momento fazer diferente; a aula foi iniciada com a explanação de um vídeo e, a partir daí começou-se a observar que o interesse do aluno era bem maior pelo assunto. Demonstrou-se então, atenção e habilidade de entender, nesse aspecto visual.

Contudo, foi possível analisar, que o mesmo tem ainda dificuldade de começar as atividades propostas, sem ser chamado por alguma educadora que ele possuiu mais afinidade. Houve um avanço no desenvolver dessa prática, a inserção de recursos lúdicos e visuais no ensino de ciências, e se faz necessário, continuamente, despertar esse interesse e atenção por parte dele.

Imagem 1: Atividade Experimental com Alunos do sexto ano de uma Escola Municipal na região Metropolitana do Recife com a Inclusão de um Aluno com TEA com os demais alunos.

Fonte: Própria

Considerações

As evidências demonstradas nos remetem a uma análise de nossas práticas diárias. Ajustes são necessários para possibilitar o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem dos alunos com TEA.

O autismo como sabemos limita a criança no que diz respeito à interação social, a dificuldade no comportamento e na comunicação, e as atividades lúdicas, voltadas para o desenvolvimento das capacidades da criança pode auxiliar significativamente no seu aprendizado. Entendemos que, para que essa prática aconteça, e seja de fato significativa, deve haver uma interação por parte do corpo docente da escola e da instituição, capacitando-os, trabalhando, buscando e criando novos recursos para poder atender cada criança de forma individual, visto que, cada um tem sua especificidade, e por essa razão não podemos generalizar as atividades.

Nos resultados presentes observou-se que essas práticas lúdicas exerceu uma influência positiva no aprendizado e inclusão dos alunos com TEA.

Referências

ARRUDA, J T. BRITO, A S. M, C R. JUNIOR, H M. SANTOS, R R. TACON, KC B. **Educação de pessoas que apresentam transtorno do espectro autista: perspectivas da inclusão.** Revista eletrônica de educação da faculdade Araguaia, 13 nº 2: 43-53, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2015.

CARVALHO, C. V. C. **Criança com Transtorno do Espectro Autista: O direito a educação.** Cachoeira. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2014. 88f.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (org) **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** Psicologia da Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. – Porto Alegre: Artemed, 2004. 3v.

DIOGO, R C. HONORATO, A F. OLIVEIRA, AC M P e. OLIVEIRA, J P. **O jogo como metodologia de avaliação de aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí – GO

FERNANDES, F. D. M.; AMATO, C. A. H. **Análise de comportamento aplicada e distúrbios do espectro do autismo: revisão de literatura.** CoDAS, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 289-296, 2013.

GUBA, E. G.; L, Y. S. **Fourth generation evaluation.** Newbury Park, London, New Delhi: Sage, 1989.

HOFFMAN, J. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2001.